

GEÓGRAFOS E GEOGRAFIA NA EXPLORAÇÃO DO PLANALTO CENTRAL

**Eduardo Giavara¹
Sandro Dutra e Silva²**

RESUMO

A presente proposta trata de uma pesquisa da Revista Brasileira de Geografia (RBG) e sua produção de artigos acerca do cerrado brasileiro e do Planalto Central, observando o papel dos geógrafos e do pensamento geográfico na exploração e na descrição da natureza e das paisagens do Planalto Central, em especial, com o bioma do cerrado, observando práticas agrícolas, usos do solo e processos migratórios. A RBG foi criada em 1938 e tinha por objetivo abrir espaço para divulgação da pesquisa em geografia e apresentar o território nacional no contexto do projeto varguista. O trabalho aqui apresentado tem por objetivo entender como os geógrafos apresentaram os territórios e a natureza do planalto central, no contexto das políticas públicas de expansão territorial do país. A pesquisa é desenvolvida a partir da leitura das edições da revista, publicadas entre as décadas de 1940 e 1950, fazendo uma seleção de artigos que colocam em evidência nosso objeto de análise. Ao final pretendemos ter uma produção intelectual que possa expressar a importância dos geógrafos e do pensamento geográfico em torno da expansão territorial da era varguista, dando vazão aos projetos políticos como a “Marcha para Oeste” e a construção de Brasília. Também, ao final a pesquisa, pretendemos ampliar o acervo documental sobre agricultura, meio ambiente, práticas agrícolas sobre o Planalto Central, contribuindo para o debate em torno da expansão agrícola, o uso do solo e os efeitos da degradação ambiental em áreas de cerrado.

Palavras-chave: Cerrado; Planalto Central, Agricultura, História

INTRODUÇÃO

Há tempo que o conhecimento histórico tem se ocupado das questões ambientais, contribuindo em vários momentos com pesquisas, análises e assumindo posições no quadro geral desses problemas. Nesse novo paradigma histórico, há um incremento com a questão ambiental ao observarmos o fato histórico e as fontes, passando as relações com a natureza a ocupar a centralidade das pesquisas, olhando muitos fenômenos sociais sob a perspectiva das relações humanas com mundo natural.

¹ Pós doutorando da Universidade Evangélica, membro do Lahac e Professor da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas (UAECH) da UFG.

² Professor do Programa de Pós-graduação e Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (PPGSTMA) e coordenador do Laboratório de História Ambiental do Cerrado (Lahac), da UniEvangélica.

Segundo Pádua, “os historiadores ambientais foram também desafiados por movimentos internos ao mundo do conhecimento”, e esse impulso não pode ser visto somente como reflexo do tempo, mas sempre foi uma preocupação do pensamento moderno e contemporâneo e, desde a década de 1970, ganhou contornos mais decisivos na medida que a modernidade e processos tecnológicos aceleraram o padrão de consumo de recursos naturais, fato que tem provocado uma série de desequilíbrios nessa relação sociedade natureza. (PÁDUA, 2010, p. 82-83). “A História Ambiental foi institucionalizada a partir da demanda de uma sociedade que via seus recursos naturais em constante transformação (e degradação), em meio ao turbilhão do desenvolvimento acelerado da economia capitalista e do sistema do mundo.” (SEVILHA, 2023, p. 316)

Partindo dos pressupostos teóricos e metodológicos da história ambiental propomos uma investigação da Revista Brasileira de Geografia (RBG) e a sua produção intelectual sobre o Planalto Central, observando as formas de ocupação do território pela agricultura na área do Bioma Cerrado e entender qual o papel da revista e dos intelectuais e qual a função institucional do Instituto Brasileiro de Geografia e Conselho Nacional de Geografia. O presente estudo é resultado de pesquisas em andamento como parte do estágio de pós-doutoramento na Universidade Evangélica de Goiás. Este trabalho se insere no contexto geral do projeto do Laboratório de História Ambiental do Cerrado (LAHAC) e do Programa de Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (PPGSTMA).

Nosso argumento é que os artigos publicados na RBG faziam parte de um projeto político de ocupação territorial do governo Vargasista (1930-1945) e trazia em suas linhas sua própria concepção de natureza, formas de uso do solo e modelos de práticas agrícolas.

Criada em 1938, a RBG teve um papel fundamental para a geografia nacional e o conhecimento geográfico, deu visibilidade às pesquisas e ao desenvolvimento da geografia como ciência, permitindo que pesquisadores brasileiros pudessem ter um importante espaço de publicação e difusão de conhecimento das questões geográficas no país. Foi um marco no pensamento geográfico brasileiro, esse órgão foi responsável pela criação de mapas, estudos, censos e tantos outros documentos que tinham a função de criar um espaço nacional. (OLIVERIA, 2024, p. 5)

Ao longo de sete décadas, a revista foi publicada em formato impresso até 2006, posteriormente a publicação foi interrompida entre 2007 a 2015, e retomada em formato digital em 2016, com base armazenada no site do IBGE. Atualmente, as publicações têm ocorrido com menor frequência, duas edições por ano. (CAMARGO, 2004; MARAFON&RIBEIRO, 2014)

Por ser um periódico tão extenso temporalmente foi natural que ela passasse por vários editores que imprimiram algumas características e influências de intelectuais e/ou de pensamento geográfico. Uma possível periodização vai de 1939-1947, marcada pela produção geopolítica e segurança nacional. A partir de 1947, temáticas como imigração e colonização, planejamento econômico e ocupação dos territórios interioranos, pesquisas acerca da agricultura e o desenvolvimento populacional passaram a ocupar os olhares dos pesquisadores. Na segunda metade dos anos de 1970, a “Geografia Quantitativa” passa exercer o protagonismo nas pesquisas, contribuindo para o pensamento geográfico se aproximar do pensamento econômico, marcado pelos anos de ditadura e o “milagre econômico”. (CAMARGO, 2009, p. 30-33)

MATERIAIS E MÉTODOS

A proposta de trabalho aqui apresentada trata de análise da Revista Brasileira de Geografia, a qual se constitui como fonte primária deste trabalho. Desta forma, será construída uma pesquisa detalhada sobre o periódico e orientada sobre três aspectos: 1) analisar o periódico como fonte histórica; 2) a relação dos intelectuais e seus textos com o campo teórico da história ambiental e das questões ambientais; e, por fim, (3) a análise global da RBG e o olhar produzido sobre as áreas de cerrado, os agricultores e as práticas agrícolas.

Quanto ao primeiro a ser observado no campo metodológico, partimos da análise do periódico como uma literatura específica e uma forma de “comunicação formal dos resultados da pesquisa original para a comunidade científica e demais interessados”, direcionada a uma comunidade científica com seus pares, partindo da premissa que a natureza do discurso científico se constituiu em uma linguagem própria, que traz em seu escopo todo um vocabulário que lança mão de conceitos e expressões. Da mesma forma, o periódico se tornou um importante arquivo histórico

que registrou e preservou um conjunto de ideias e reflexões dos cientistas, dos resultados e suas pesquisas de observação de fenômenos da natureza. (MUELLER, 2000, p. 71-72).

Outro aspecto metodológico importante é como analisar a fonte proposta, para tanto, partimos de referências historiográficas da História Ambiental. Trabalhos já consagrados, como os de Donald Woster e José Augusto Pádua, nos oferecem os parâmetros mais precisos para nossa abordagem.

Assim partimos do primeiro nível que sugere Woster, de que precisamos, antes de tudo, se atentar ao ecossistema do cerrado, pois ele constitui um ecossistema complexo, envolvendo um rico sistema de fauna e flora, com aspectos distintos que o torna único. (WOSTER, 2002, p. 26)

Da mesma forma Pádua (2023), reforça a ideia de bioma ao apontar que o conceito reforça e “unifica um conjunto de ecossistemas que tem certa identidade ecológica. Superando a classificação puramente botânica, apesar de centrado na diversidade da vegetação, o conceito inclui clima, geologia, fauna etc”, para além da natureza política do território, cria-se um olhar para as características do meio ambiente. (PÁDUA, 2023, p. 544)

Não obstante, o ponto mais importante, é a análise dos intelectuais e das relações políticas, sociais e ideológicas em torno da produção da RBG. Nas palavras de Woster, isso significa analisar como as percepções, ideologias, ética, leis e mitos tornaram-se parte de um diálogo de indivíduos e de grupos com a natureza, abrindo-se caminho para entender como a revista operou no campo das ideias e no meio político, servindo, naquele momento a interesses do Estado Novo, marcado pelo signo da ocupação do “território nacional” e da “marcha para o oeste”. (WOSTER, 2002, p. 27)

RESULTADOS PARCIAIS

A perspectiva de resultados com a pesquisa é que ao final possamos ampliar o uso de fontes acerca da temática história do cerrado e impactos ambientais e a relações sociais com o mundo natural. Da mesma forma, se objetiva dar visibilidade

através de publicações em revistas especializadas e participação em eventos sobre História e História Ambiental.

Ainda é possível dimensionar que a pesquisa ampliará e fortalecerá o debate e as pesquisas acerca das questões ambientais, promover o intercâmbio com outras áreas de conhecimento que nem sempre dimensionam aspectos históricos do cerrado, podendo ampliar o entendimento sobre uma área tão sensível e degradada.

Como resultados parciais indicamos o trabalho em andamento da classificação de temas e abordagens, procurando analisar não apenas os geógrafos, mas também o caminho metodológico escolhido em seus estudos sobre o Planalto Central. A RBG tem disponibilizado seus arquivos de forma digital, e nos concentramos inicialmente nas décadas de 1940 a 1950. Nesse período, por exemplo, identificamos a participação de geógrafos brasileiros e estrangeiros que fizeram seus trabalhos de campo em parceria com o Conselho Nacional de Geografia e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nos interessa também identificar outras parcerias institucionais e fundos de pesquisa utilizados nesses trabalhos. Portanto, a coleta de dados está em andamento e objetivamos entender como os geógrafos entenderam e apresentaram os territórios e a natureza do planalto central, no contexto das políticas públicas de expansão territorial do país.

CONCLUSÃO

O trabalho está em andamento, mas pretendemos construir um panorama mais preciso acerca da ocupação das áreas de cerrado, observando, dentro de uma perspectiva histórica, as correlações de forças presentes em vários momentos históricos. Da mesma forma, a pesquisa possibilita a construção de uma renovação do arcabouço de fontes históricas e novos olhares e possibilidades de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de Goiás pelo afastamento para o ano de 2025/2026 para o cursar pós-doutoramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio. A Revista Brasileira de Geografia e a organização do campo geográfico no Brasil (1939-1980). **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 2, n. 1, p. 23-39, 2009.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PÁDUA, José Augusto. Pensar a história em territórios cheios: a importância do conceito de biomas brasileiros. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 36, n. 80, p. 542-556, 2023.

MUELLER, Suzana P. M. O periódico científico. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Editora Ufmg, 2000. p. 69-91.

REIS, D. J. C. O lugar da teoria-metodologia na cultura histórica. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 4–26, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28973>. Acesso em: 3 out. 2023.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira, O Eldorado do Brasil Central: história ambiental e conveniência sustentável com o Cerrado. In: ALIMONDA, H. **Ecologia política: natureza, sociedad y utopia**. CLACSO, abril de 2002.

SEVILHA, Fabíula. História Ambiental e História Pública: perspectivas para (re) acender o diálogo no Brasil. **Revista Brasileira de História**, v. 43, n. 93, p. 311-331, 2023.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.